

Tiago Vieira Cavalcante

Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC
tiagogeografia@yahoo.com.br

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo,
Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará - UFC
cdmo49@yahoo.com.br

Geografias relacionais: a festa no Santuário de Fátima em Fortaleza-CE¹

Resumo

O objetivo do presente trabalho é demonstrar qual é o sentido geográfico da dinâmica da festa em seu âmbito relacional. Para isso, fomos ao Santuário de Fátima em Fortaleza-CE na tentativa de analisarmos os movimentos (dinâmicas verticais e horizontais) que constroem o sentido festivo que o Santuário possui, assim como a legitimação e a posteridade que a festa oferece às representações a ela vinculadas. A geografia relacional entra, nesse sentido, como prática cotidiana responsável pela elaboração do momento efêmero que é a festa e os seus rebatimentos espaço-temporais que acompanham o sentido do Santuário de Fátima permanentemente.

Palavras-chave: Festa, Santuário de Fátima, Dinâmicas Geográficas, Geografias Relacionais, Habitar.

Abstract

RELATIONAL GEOGRAPHIES: THE PARTY AT THE FATIMA'S SANCTUARY IN FORTALEZA - CE

The aim of this paper is to demonstrate what the geographical sense of the party dynamic in the relational context. For this, we went to Fatima Sanctuary in Fortaleza - CE to analyze the movements which builds the festive sense that the sanctuary has, as well the legitimacy and posterity that the party offers to the representations linked to it. The relational geography enters, in that sense, as a daily practice responsible for preparing the fleeting moment that is the party and their spatial and temporal aftermaths which accompany the sense of Fatima Sanctuary permanently.

Key-words: Party, Fatima's Sanctuary, Geographical Dynamics, Relational Geographies, Dwell.

1. Considerações iniciais: a construção do instante

“É o detalhe que dita a lei;
é a exceção que se torna regra;
é o sentido oculto que se torna o sentido claro”.

Gaston Bachelard

Comumente a festa é apresentada em sua culminância. Porém, sendo ela responsável por rebatimentos espaciais peculiares, não pode ser compreendida a partir somente do instante em que acontece. Tais rebatimentos têm uma história e apontam para o futuro.

É certo que o instante do evento é de suma relevância. Seu momento, poderíamos dizer, permite-nos fazer uma singela etnogeografia do lugar (e a apresentamos no final deste trabalho), pois um corpo de pessoas com intuídos em comum compartilham de um mesmo espaço-tempo em favor de uma construção efêmera, porém essencial. Construir esse instante em determinado lugar é *habitar* o espaço-tempo festivo.

Instante, vale salientarmos, é um termo comumente usado por Gaston Bachelard para ilustrar a importância do presente. Para ele, o presente é o único momento no qual o ser humano pode tomar consciência de si, visto que o filósofo o pensa como o único momento real (BARBOSA; BULCÃO, 2004). Pensar no instante, portanto, é pensar na intensidade do espaço-tempo vivido. No lugar onde esse espaço-tempo se desdobra. Instante, nesse sentido, é também reflexo da *intensidade espaço-temporal* que se dá em determinado lugar.

No entanto, como bem assinalara Milton Santos, ao abordar sobre os eventos, mas em um contexto no qual podemos inserir a compreensão da festa, (1997, p. 16): “Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória”. Roberto DaMatta (1984, p. 81), da mesma forma, porém com outros termos, indica o seguinte: “Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – *recriam e resgatam* o tempo, o espaço e as relações sociais” (grifo nosso).

Recriar e resgatar são ações responsáveis pela convergência espaço-temporal que culmina na festa. Fato este que nos leva, de um modo ou de outro, a pensarmos no instante. Este se desdobra no lugar – porque

o instante não acontece sem seu amparo essencial – onde elaborações culturais são renovadas e (re)pensadas com vistas ao futuro.

Para aprofundarmos esse contexto, o Santuário de Fátima em Fortaleza-CE será nosso objeto-sujeito de estudo. Objeto-sujeito, porque “ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é irisada, reverberante, incessantemente ativa em suas inversões” (BACHELARD, 2008, p. 04).

Localizado na capital cearense (bairro do mesmo nome), Fátima tem sido um dos santuários mais movimentados da cidade. Suas festividades acontecem sempre nos dias 13 de cada mês e têm maiores demandas principalmente nos meses de maio e outubro, período quando também acontece a procissão. Meses, respectivamente, da primeira e da última aparição de Maria na Cova da Iria, em Portugal.

A festa de Fátima, entretanto, apesar de sua efemeridade, é obra de todo um conjunto de dinâmicas (verticais e horizontais, como veremos), que se associam por distintos mecanismos de articulação, tanto religiosa quanto territorialmente. Tais dinâmicas são os fomentos daquilo que é a festa, assim como a festa também as retroalimenta. Elas explicitam a potência do instante na extensão do tempo cronológico, evidenciando o trabalho anterior acumulado (simbólico e institucional). Oferecem assim condições de permanência do acontecimento e renovação de seu significado.

Levando-se em conta que a festa em questão pode enquadrar-se como popular e religiosa, entenderemos o porquê de sua plausibilidade vir acompanhada de legitimação (BERGER, 2004). Vale dizer, de antemão, que o presente trabalho tem o intuito de adentrar a dinâmica da festividade, sem, contudo, problematizar o fato religioso. Embora reconheçamos que tal “fato”, enquanto força simbólica inerente à festa, seja essencial à retroalimentação (e à renovação), juntamente com as atribuições institucionais que toda instituição humana contém.

É nesse sentido que avaliaremos antes as categorias com as quais buscaremos compreender as dinâmicas inerentes ao cotidiano do Santuário. Elas procuram demonstrar a importância das relações cotidianas que culminam na festa, demonstrando, assim, a anterioridade e a importância da construção do instante.

2. Categorias de análise etnogeográficas

Uma problematização da festa, na densidade relacional, nos fez acolher a análise etnogeográfica. Roberto DaMatta, em diversos trabalhos (1979, 1984, 1997, 2004), nos lega a interpretação da sociedade brasileira, a partir de três categorias agrupadas por ele como “sociológicas”: a *casa*, a *rua* e o *outro mundo*². Revisitaremos cada uma delas aqui em sua espacialidade.

O autor esclarece suas marcantes peculiaridades, assim como também a importância de sua inter-relação. Para ele o “&” que liga as diferentes categorias torna-se basilar, sendo representativo da sociedade relacional; maneira como denomina a sociedade brasileira. Tais categorias são componentes das dinâmicas intituladas neste trabalho como: *verticais*, *horizontais* e *relacionais*.

As *dinâmicas verticais* buscam apresentar a essência da relação entre o fiel e o outro mundo a partir do Santuário em questão. O Santuário, nesse sentido é Casa³ (da mãe de Deus – Maria-Fátima), permitindo ao fiel o *abrigo*; um lugar simbólico de acolhida tido como *sagrado*. Tais dinâmicas são marcadas pelas intermediações entre a casa e o outro mundo, a partir das materializações simbólicas, direta ou indiretamente referentes ao Santuário (santinhos, estátuas, terços, imagens etc.), e dos serviços alusivos ao sagrado, prestados no interior do mesmo (confissões, aconselhamentos etc.).

As *dinâmicas horizontais* demonstram as relações entre a parte institucional do Santuário (outra faceta da casa representada, em especial, pelos funcionários do Santuário, assim como pelos especialistas do sagrado) e o mundo, em contiguidade, muitas vezes exposto como *profano imediato*. Estas, partindo das relações internas à casa e entre a casa e o bairro, desdobrando-se em escalas geográficas mais amplas, qualificam o Santuário para além de seu contexto sacro, demonstrando sua institucionalidade, isto é, sua condição administrativo-institucional, política e territorial.

As *dinâmicas relacionais* são representadas pelo espaço-tempo festivo. O *encontro* é a palavra-chave neste espaço-tempo efêmero. Deste modo, as festividades em Fátima vigorizam a intermediação entre as categorias as quais nos propomos a analisar, fazendo convergir a *casa*, a *rua* e o *outro mundo*, pois a festa é obra do trabalho simbólico e institucional elaborado por aqueles que fazem parte do cotidiano do Santuário.

É diante desse contexto que tratamos a festa de Fátima como dinâmica relacional, contudo antes compreendendo as outras dinâmicas que também pesam para sua culminância.

3. Dinâmicas verticais: casa-outro mundo

É nos lugares voltados para o aconselhamento, a confissão, a reza, a contrição etc. que a relação casa-outro mundo se institui. Depende da necessária presença dos fiéis, mas também do indispensável comprometimento dos funcionários do sagrado para com esses.

Contudo, tais gestos, pedidos, agradecimentos há muito estão enraizados na Terra. Celebram o alcance das “encomendas”, feitas pelos fiéis, a Deus. Diria Max Weber (1994, p. 279): “A ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para este mundo”. O Santuário de Fátima tem esse papel. Recebe ao tempo que, por intermédio dos especialistas do sagrado, também orienta. E o caminho orientado é em direção ao outro mundo.

Nas dinâmicas verticais percebemos o quanto o espaço é essencial. Componente obrigatório para a construção do ser. Isso nos indica que o motivo de ser do espaço é o homem e que este, no espaço, se define a partir de suas formas de existir.

O espaço, dessa maneira, constitui-se não como ser, mas como categoria relevante para a constituição do *ser* humano, pois é o ser humano que o inventa, lhe dá significados, o nomeia e, a partir disso, o experiencia situando-o como lugar de intimidade. Ele existe na medida em que é consciência para o ser humano (MARTINS, 2007). É essa experiência e intimidade que, de outro modo, Eric Dardel (1990, p. 02) denominara de *geograficidade*, para ele *mode de son existence et de son destin*.

São nos espaços vividos do Santuário de Fátima, ultrapassando a geometria de seus limites (paredes), que se constroem as dinâmicas verticais em geograficidades particulares. Espaços como a nave central, as Salas das confissões e do aconselhamento, a Capela do Santíssimo e mesmo a Estátua de Fátima, bem exemplificam a relação casa-outro mundo; responsável pela representação simbólica (sagrada) que o Santuário possui.

A *nave central* é um lugar mais convencional de introspecção por parte do fiel, seja nos momentos comuns, em que a carga subjetiva é mais relevante ou nos momentos de missa que se constitui como um ritual de grupo.

As *salas das confissões* e do *aconselhamento* constituem também um importante lugar de relação do fiel com o outro mundo. Nelas, encontramos a presença dos especialistas do sagrado ajudando na intermediação casa-outro mundo.

Nas proximidades das *Salas das confissões*, as cadeiras ficam abarrotadas de fiéis, à espera do início das confissões que acontecem em pequenos cômodos, no corredor.

Na *Sala do aconselhamento*, o fiel busca um lugar íntimo para conversar. Uma conversa peculiar, pelo adensamento em si (no corpo e na alma) do próprio Santuário. São condições e motivações do instante-lugar, promotor de acolhida e esperança, no qual o fiel confia “entregar” problemas e angústias; em busca justificada de um (sagrado) conselho.

A *Capela do Santíssimo* (também denominada de Monsenhor André Viana Camurça), também conserva peculiaridade. Podemos indicar que, mais do que qualquer outro lócus no Santuário de Fátima, a Capela situa o que há de mais íntimo no encontro do fiel com o divino (Deus, Maria e/ou diversas entidades ou santidades). Com poucos bancos e o sacrário localizado ao fundo, no centro. Logo que entramos nesse “canto” percebemos o silêncio ali necessário para a concentração que a reza exige.

Um dos mais atraentes pontos no Santuário é o lócus da *Estátua de Nossa Senhora de Fátima*. É comum, principalmente nos dias festivos, a presença de fiéis rezando, chorando, agradecendo, acendendo velas e deixando imagens aos pés da grande estátua, erguida na praça principal em frente à igreja. Dos cantos da casa da Mãe de Deus, certamente, é a Estátua que menos demanda a geometria dos limites. Está exposta para quem desejar ver e rezar; e, além disso, concretiza a extrapolação dos muros simbólicos e territoriais do Santuário em questão.

É interessante percebermos o papel de intermediação que alguns cantos do Santuário (espaços vividos) possuem. Lugares recheados de significação e geograficidade em sua relação com o outro mundo na sua condição de habitabilidade. O Santuário de Fátima se pronuncia na condição de casa quando nos lembramos de sua condição, mesmo que efêmera, de vivência em seu espaço.

A esperança, sentimento com carga terrena, é a principal força que motiva os fiéis a rezar, fazer promessas, pagá-las etc. Sentimento que não dispensa a preocupação com a morte; principalmente, se esta é pensada enquanto impossibilidade de viver a vida cotidiana como Deus haveria de desejar. A intensidade e a iminência da vida vêm em primeiro lugar.

Portanto, agora tendo uma breve noção da constituição vivida e simbólica do Santuário de Fátima, concentremo-nos em compreender o caráter dialógico presente na elaboração (e no enfrentamento) que ele possui em sua relação com o mundo.

4. Dinâmicas horizontais: casa-mundo

As *dinâmicas horizontais*, nesse sentido, também entram como fomento à compreensão estabelecida por nós quanto às relações que os seres humanos crentes possuem com o Santuário, sua geograficidade. Como não somente existem sujeitos crentes e leigos, neste momento, consideraremos também as ações daqueles que podemos caracterizar como funcionários e especialistas do sagrado em suas atitudes horizontais, ou seja, em ações que estabelecem relação com o mundo constituindo as relações casa-mundo.

Essas ações têm caráter institucional; e, por conseguinte, político, estrutural, identitário etc. Tendo sua relevância na compreensão do Santuário de Fátima, por esclarecerem a necessária vinculação que a instituição Igreja tem com o mundo. Também são interessantes porque é a partir delas que podemos compreender o Santuário em sua multiescalaridade.

É nesse contexto, que o Santuário se relaciona com aquilo e aqueles que o rodeiam. As relações de poder (políticas) e de identidade se tornam mais visíveis quando compreendemos o Santuário dentro do contexto onde se insere: o bairro. Trataremos aqui, em especial, de sua expressão político-identitária.

Em Fortaleza, antes denominado de Redenção⁴, o Bairro de Fátima tem sido obra da força representativa de Nossa Senhora no lugar. Talvez não em sua estruturação urbana completa, afinal, até mesmo as denominadas *hierópolis* ou *ciudades-santuário* (ROSENDAHL, 1999) não se estabelecem somente por aquilo que significam, pois possuem também outras funções.

De modo geral, é recorrente a relação das características e funcionalidades do Bairro de Fátima com a representação do Santuário. Em reportagem de Fernanda de Oliveira, publicada no jornal Diário do Nordeste do dia 16 de junho de 2010, exemplos dessa relação são demonstrados. Vejamos:

O bairro é querido pelos moradores e, ainda, considerado calmo. No trânsito, porém, o fluxo é bastante intenso. Antes, era chamado de Redenção. A partir do ano de 1956, por meio de lei, passou a ser denominado Bairro de Fátima. Os nomes, antigo e atual, demonstram uma característica predominante do bairro: a religiosidade. A principal avenida do bairro, a Treze de Maio, também carrega consigo a devoção à Nossa Senhora de Fátima. O que era, na década de 1940, um grande terreno pertencente ao coronel Pergentino Ferreira foi se transformando num bairro residencial, cheio de casas. Com o passar dos anos, prédios residenciais e muitos estabelecimentos comerciais foram aparecendo. A Paróquia e Santuário de Nossa Senhora de Fátima já existe há 56 anos, localizada na Avenida Treze de Maio. A partir de 2008, a homenagem à santa ficou mais completa com a inauguração da Estátua de Nossa Senhora de Fátima, de 15 metros de altura, instalada na Praça Pio IX, em frente à igreja.

O interessante nas palavras da repórter, além da relação próxima que o Santuário tem com o bairro, é a força da identidade religiosa encontrada em toda sua extensão.

Mesmo os bairros possuindo, diante das necessidades da cidade, serviços variados responsáveis pela atenção e pelo suporte de seus moradores, as marcas da identificação local não se restringem ao poder dessa oferta relativa. No emaranhado de acontecimentos e situações metropolitanas, as singularidades estabelecem o diferencial. Como indicam Pereira; Oliveira (2009, p. 38): “Os bairros caracterizam-se pela singularidade. Não há, dentro de uma cidade, dois bairros iguais”.

A identidade também é forma legitimadora (GOMES, 2006); e, mais do que isso, um registro formado no corpo de uma comunidade, frequentemente relacionado a uma ocupação territorial – fator indicador da inserção do poder na construção identitária. A política, dessa maneira, se pronuncia inclusive para legitimar a identidade do lugar.

A Estátua de Fátima é um bom exemplo da convergência dos elementos apresentados anteriormente. A política como poder de instituição e a identidade legitimando a potência intersubjetiva caracterizam, no exterior do templo, a ampliação do Santuário.

Em um contexto no qual personagens eclesiais e políticos renovam formas de comunicação, a construção de um monumento em homenagem

a Nossa Senhora de Fátima se torna um preceito de suma relevância para representar a territorialidade de um lugar. No caso, do Santuário de Fátima, em sua relação com o bairro e a cidade.

Construída com verba municipal (cerca de R\$ 115 mil⁵), vale perguntar: Que tipo de hierofania dá suporte místico à Estátua? A análise das motivações simbólicas e urbanas traz a hipótese de que não é somente a partir das “hierofanias” que espaços sagrados se constituem. Tais espaços também podem ser resultantes de uma estratégica consagração. A justificativa para tal construção vê e generaliza a população fortalezense “como um todo”, sustentando que tal comunidade acolhe com bons olhos a edificação. Nesse contexto, fica difícil de nossa parte não atentar para os jogos de interesses em torno dessa obra.

São elementos como esses que fazem, a nosso ver, o Bairro de Fátima ser moldado como bairro religioso, por forças e fatores não necessariamente religiosos. Um lugar não somente *consagrado*, mediante as ações políticas e eclesiais que o permeiam. Sua marca recoloca o problema espacial da “convergência” de diferentes elementos que nos fazem perceber o Santuário de Fátima e o bairro em questão como um extenso território sacro-político no corpo de uma cidade em ritmo de metropolização.

5. Dinâmicas relacionais: casa-mundo-outro mundo

Indicar que tais dinâmicas sejam representativas de um *recomeço* parece contraditório. Mas os ritos em geral (e as festas religiosas, em particular) têm o papel de reforçar aquilo que representam: de relacionar valores antigos aos mais atuais e destacar a identidade das coisas, bem como a composição de sua corporeidade (GIL FILHO, 2008). É assim que comunicam e perduram. Daí a importância de apresentá-los como *recomeço*, da mesma maneira que foi importante esclarecer a existência de todo um conjunto de ações simbólicas e institucionais integradas ao Santuário de Fátima.

Aqui o desafio será esclarecer que o reforço do qual falaremos é também representativo de todo um trabalho anterior, que culmina na festa como ponto de chegada e partida. O reforço em realidade é cotidiano.

A festa enquanto dinâmica relacional é a conjugação dos esforços das dinâmicas anteriores, assim como o motivo para estas dinâmicas existirem. Pensar a festa como um fim em si é pensá-la pela metade; pois sua natureza traduz-se no melhor exemplo da conjugação dos contrários e da necessidade daquilo que a transcende.

Voltando à leitura de Roberto DaMatta, lembramos da relação casa-rua-outro mundo, favorecidos pela seguinte afirmação: “no caso brasileiro, todas as solenidades permitem ligar a casa, a rua e o outro mundo, só que cada uma delas faz essa ligação de modo específico e a partir de posições diferentes” (1984, p. 82).

Vale sempre retomarmos a condição plural da religiosidade brasileira, para fazermos tal afirmação, assim como, realizando análise do trabalho, deixar claro que as solenidades às quais ele se refere são denominadas de *ritos de inversão* e *ritos de reforço*. Nos primeiros o autor inclui o carnaval e nos seguintes as paradas militares e as procissões.

A procissão, nesse contexto, é mais um elemento componente da representação sócio-espacial festiva que o Santuário possui. É um dos elementos do rito de reforço *reapresentados* nos dias 13. No caso da procissão: dias 13 de maio e outubro.

Tomando as festas dos dias 13 como ritos de reforço, vamos percebê-las em seu estado cíclico, pois com Peter Berger (2004) aprendemos que a legitimação, a qual não deixa de ser um reforço, exige uma repetição. E repetir é *rememorar*, *redescobrir*, *reaprender* a ética dos ritos e mitos que zelam pela *reelaboração* cotidiana do Santuário de Fátima. A festa, nesse contexto, ainda é legimitada por forças político-institucional e simbólica. A existência de projetos de lei na Câmara dos Vereadores de Fortaleza, legalizando os 13 de maio e de outubro, denota o reconhecimento desse momento festivo, da importância dessa repetição, por intermédio de um evento religioso que nunca foi originário da própria cidade.

O interessante é pensar que já nos idos de seus 57 anos de existência, por intermédio da festa e das leis que agora vigoram – Leis Nº 8928 e Nº8933, de 26 de janeiro de 2005, encontradas no Diário Oficial do Município Nº 13.009, de 01 de fevereiro de 2005 –, o Santuário se renova em sua presença. Sinal de sua representatividade e amparo duplo, com base nos significados e nas políticas próprias de seu cotidiano. Ao tratar do

significado geográfico das festas, é exatamente sobre isso que nos ensina Di Meo (2001, p. 624, 625) quando diz:

L'être géographiques de la fête, sa nature d'espace-temps spécifique, d'événement sócio-culturele spatialisé se decline toujours em filigrane de ses attributs majeurs, constitutifs de sa fonction sociale. Parmi ces attributs, notons son rôle symbolique et politique, sa portée idéologique et sa valeur d'échange socio-économique. N'omettons pas, non plus, son instrumentalisation em matière de régulation sociale e territoriale⁶.

E muitos são os artificios os quais podem ser usados para que este ciclo se repita e em sua repetição se fortifique. Oliveira (2007) indica que a festa contemporânea não pode se fechar em um tradicionalismo encabeçado por poucos, em detrimento da renovação sociocultural inerente ao espaço-tempo de um lugar. O Santuário de Fátima é exatamente um dos exemplos que qualificam “a forma ampliada pela apropriação estratégica da modernidade urbana e midiática” (OLIVEIRA, 2007, p. 28) que podem ser vistas nas comemorações mensais em homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

A palavra *encontro* talvez seja a chave para compreendermos essa geografia representativa ao mesmo tempo do movimento e do instante. Do *movimento* porque são nas dinâmicas geográficas que os mais diversos *instantes* podem ser elaborados. Porém, é na festa que eles se *re encontram* e dão ares de renovação na significação do momento especial.

É no encontro que se deposita também a renovação da fé e do sagrado. Desejo do fiel, mas também da Igreja. Como dissera Padre Ivan (Pároco do Santuário), na celebração de uma das missas do dia 13 de maio de 2011: “*É preciso viver em comunidade*”. Tal assertiva surge da crítica que o pároco faz àqueles que rezam sozinhos, no conforto da própria casa, sem a vivência comunitária da festa e da própria Igreja. Paradoxo não ignorável, de toda maneira, entre as elaborações comunitárias e a midiatização eclesial marcantes também em Fátima.

Paradoxalmente, a mídia, no contexto do Santuário, segundo o pároco, tem em realidade contribuído com o aumento do número de fiéis. Estes se demonstram plenos conhecedores da mística dos dias 13. Pelas redes de televisão (TV Diário), rádio (FM Dom Bosco) e/ou o *blog* do Santuário, manifestam na ocasião a vontade de participar do momento festivo e de outras atividades pertinentes ao Santuário (SILVA, 2011).

Indicar, nesse âmbito, que talvez a festa seja uma efemeridade de suma relevância no próprio contexto da cidade não seria exagero. Lefebvre (2001), por exemplo, aponta isso ao discorrer brevemente sobre a história da cidade. A festa, nesse sentido, é uma maneira do cidadão se apropriar da cidade, mesmo que num espaço-tempo efêmero e determinado. Apropriação vale lembrar, principalmente nos termos lefebvrianos, é a medida básica para o habitar humano. Apropriar-se de um determinado espaço é fazer o real uso para o qual ele se destina.

A descrição da festa, que agora se segue, expressa um acúmulo de instantes do contato entre sujeitos da pesquisa (pesquisadores e pesquisados). Nesse sentido, a descrição não se atém a nenhum dia 13 específico, na medida em que visitamos praticamente todas as festas realizadas no Santuário entre os anos de 2009 e 2011. Tentamos, com isso, somente propor uma melhor compreensão da dinâmica festiva relacional.

6. Geografias relacionais: nos meandros da festa de Fátima

A festa começa bem cedo. Assistir a primeira missa no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, logo às cinco da manhã, é trabalho nada fácil. Tendo em vista as diferentes proveniências dos fiéis⁷, tal trabalho talvez se torne ainda mais dificultoso, pois a quantidade de ônibus na cidade, nesse horário, em nada ajuda. Todavia, seja durante a semana ou nos finais de semana, esses primeiros fiéis não tardam em centrar suas orações à Virgem de Fátima. O contingente de pessoas, ainda cedo, facilmente lota o templo; e um grande contingente aguarda uma próxima missa em seus arredores.

A primeira missa é televisionada, sendo celebrada por Padre Ivan. Talvez por isso, uma das marcas da homilia é relembrar a explicação sobre as aparições de Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria (Portugal). Sempre da forma mais afetiva e didática possível.

Antes mesmo de os fiéis chegarem, os comerciantes registram presença no entorno do Santuário de Fátima, e se colocam como o grupo social mais privilegiado no desenho da festa. De acordo com alguns comerciantes, a partir da meia-noite já é possível encontrá-los. Destacam que um número significativo é proveniente de Canindé (importante cidade-santuário do

Sertão central do estado). Alguns deles fazem uso da linha intermunicipal que liga sua cidade a Fortaleza ou mesmo fretam ônibus turísticos, podendo ter seus produtos transportados por “freteiros” também provenientes da região. Montam suas pequenas barracas durante toda a madrugada e dormem embaixo delas em colchões ou redes, estando já preparados para o primeiro cliente logo no início da manhã (figura 1).

Figura 1
COMÉRCIO EM FRENTE AO SANTUÁRIO DE FÁTIMA



Fonte: Tiago V. Cavalcante, maio/2011.

Concentrando-se nas proximidades, do lado onde fica o Santuário, outros comerciantes vendem basicamente água, refrigerante, artigos religiosos, milho cozido ou assado e pipoca. Estão sob o olhar dos fiscais da Prefeitura (SER IV[®]) que tentam organizá-los, identificar suas posições e impedi-los de adentrar nas dependências do templo. Do outro lado da Avenida 13 de maio, na Praça Pio IX, são várias as barracas que também oferecem os mais diversos artigos de consumo religioso ou complementar (artesanatos variados, bolsas, adereços femininos etc.). De acordo com

um funcionário do SER IV, elas somam 78⁹ e para estarem naquele local pagam a cada três meses metade do valor da Unidade Fiscal da Prefeitura de Fortaleza-UFMF, no total de R\$ 28,035¹⁰.

O canto a que têm direito encontra-se geometricamente definido. As marcações das barracas são facilmente visíveis na calçada da praça nos dias comuns. Banheiros químicos também fazem parte da paisagem da Praça Pio IX e das laterais do Santuário, porém os comerciantes comumente reclamam da falta de infraestrutura que os possibilite pelo menos um rápido banho. Os ônibus ou carros com os quais chegam são seu melhor amparo.

Após as duas primeiras missas (das cinco e seis horas da manhã), o congestionamento do trânsito começa a ganhar corpo. São centenas em ônibus lotados de fiéis, como que uniformizados (em vestes brancas). Estes se misturam ao mar de carros, que atravessam de forma cada vez mais lenta a Avenida 13 de Maio.

A movimentação de fiéis e visitantes ao longo do dia é constante, chegando e saindo conforme o horário das missas. Alguns cortam a avenida, em meio ao tráfego, para tocar a Estátua de Fátima, como despedida ou primeiro contato. A Estátua vai progressivamente sendo envolvida pelas velas acesas e a fumaça que se avoluma. Porém, não somente velas se encontram por lá. Flores, imagens de Fátima de tamanhos distintos, fotos 3x4 e diferentes santinhos são alguns dos elementos que comumente permeiam sua base. Aspecto comum da tradição votiva, tais objetos representam o pedido e/ou agradecimento à Virgem. Ficam ali durante toda a festividade e, não possuindo um canto específico, são recolhidos no outro dia por aqueles que passam ou por funcionários do Santuário.

O importante para os fiéis, de todo modo, é ter a certeza do contato e da lembrança que podem levar de Fátima. Tirar uma foto, nesse momento para o fiel, é poder carregar consigo o valor de um espaço-tempo especial (figura 2).

Ainda na praça, o movimento é grande. Além das citadas barracas de artigos diversos, lanchonetes e barracas de alimentos mais elaborados como bolos, salgados e “pratos feitos”, também compõem o lugar. Garantem o lanche e até mesmo o almoço daqueles que um pouco mais tarde chegam ou saem da festa. Os pedintes, nesse espaço, circulam em grande quantidade. Crianças, adultos e idosos parecem contar com a celebrada caridade do momento para angariar uma esmola ou um prato de comida.

Figura 2
A LEMBRANÇA DE FÁTIMA



Fonte: Tiago V. Cavalcante, maio/2010.

Bem representando a tradição vinculada às aparições de Fátima, a missa ao meio-dia é uma das mais disputadas. Em outras paróquias da cidade este evento do “meio-dia” também se faz muito comum. O horário, em se tratando da semana, permite aos que estão trabalhando acompanharem a missa em seu intervalo de almoço. Ao meio-dia, o trânsito novamente volta ao ponto crítico de congestionamento. Perceber um santuário metropolitano e compreender essa inconstância, só menos perceptível nos finais de semana, é de suma importância, haja vista os problemas tipicamente urbanos se mesclarem aos problemas provenientes da quantidade massiva de pessoas em visita ao Santuário.

Ao redor do Santuário, lugar para assistir a missa só mesmo nos pátios laterais. Do lado direito, para quem entra nos pátios, encontram-se os banheiros do próprio Santuário, assim como uma pequena barraca de recebimento de dízimos é também montada nesse local. Do lado esquerdo, logo na entrada, uma lanchonete administrada pelo ECC (Encontro de

Casais com Cristo) atende aqueles que não querem se deslocar para fora do pátio para comer ou beber algo. A loja no/do Santuário pode ser acessada um pouco mais adiante.

Na Nave Central, os inúmeros bancos se tornam disputados diante da quantidade de fiéis. Porém, é nas proximidades do altar que eles se acumulam ajoelhados com os olhos em direção à imagem de Fátima que fica acima desse altar. Próxima à entrada, encontramos outra imagem rodeada de flores. Muitos buscam tocá-la direcionando a ela breve oração. Nas proximidades, outra sala de recebimento de dízimos pode ser encontrada. Sinal da constante presença dos funcionários do Santuário no momento da festa que, uniformizados para se destacarem frente à multidão, carregam coletores de dízimo no momento das missas.

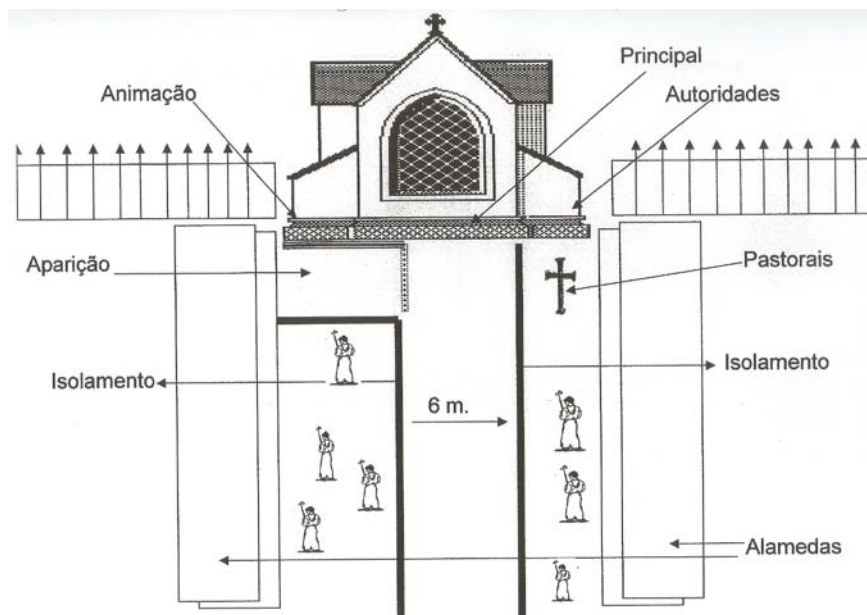
Diante desse contexto festivo, é certo que o palco desde cedo já está montado (figura 3). Tomando parte da visão frontal do Santuário, tal espaço fica à espera do momento maior: a chegada da imagem de Fátima, trazida em procissão pelos militares e seguida por milhares de fiéis¹¹. Tal palco nos lembra de uma coisa: da constante presença dos especialistas do sagrado, dos funcionários do Santuário e de leigos próximos dos acontecimentos paroquiais na organização desse momento. Sinal também da constante presença dos aspectos sincréticos no decorrer de toda a festa, seu caráter sacro-profano.

Ainda sobre o palco de encerramento da festa, em documento conseguido junto à Secretaria Paroquial do Santuário, visualizamos uma organização espacial prévia, com destinações exclusivas de determinados lugares para os diferentes personagens componentes da festa (figura 4).

Nos *folders* entregues anteriormente à festa, além dos temas a serem discutidos durante o novenário e a programação do evento, fica também clara a participação na organização da festa de componentes das diferentes pastorais ou grupos existentes no Santuário. Estes compõem uma coordenação para organização da festa.

Figuras 3 e 4

PALCO PARA RECEPÇÃO DA IMAGEM DE FÁTIMA/ ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA FRENTE DO PALCO



Fonte: Tiago V. Cavalcante, maio/2009/ Secretaria Paroquial de Fátima, 2010.

Para a organização da festa, por exemplo, são elaborados ofícios para os diferentes órgãos vinculados ao Município e ao Estado. Dentre eles, as autarquias de trânsito municipal (Autarquia Municipal de Trânsito - AMC) e estadual (Departamento de Trânsito - DETRAN-CE), a Guarda Municipal de Fortaleza, a Polícia Militar, Civil e o Corpo de Bombeiros Militares do Ceará. Tal suporte é necessário se pensarmos nos problemas urbanos comumente relacionados ao lugar, como a insegurança, o forte tráfego de veículos etc.

As missas prosseguem durante o decorrer do dia; e já ao final da tarde alguns preparativos são tomados para a recepção da procissão com a imagem de Fátima. Em outra parte da cidade, a procissão já se organiza, conjugando pessoas de várias partes da cidade. Nem todas foram à missa no Santuário durante o dia. Do mesmo modo, nem todos aqueles, que no decorrer do dia participam das missas, vão à procissão. Muitos compõem uma nova massa de fiéis em direção ao Santuário de Fátima.

No que concerne à procissão, toda uma organização também é previamente elaborada. Pastorais, fiéis, carros de som e a própria imagem têm seu lugar garantido no decorrer da caminhada (figura 5).

Não sendo uma caminhada tão longa (cerca de 1,5 km), a procissão de Fátima bem demonstra as estratégias usadas por seus organizadores para cortar bairros centrais da cidade em meio aos grandes fluxos que ali existem e persistem (de veículos e pessoas). O tempo (horários de saída e chegada), diante da restrição do espaço, também se restringe, buscando ser pontual.

Saindo da Igreja do Carmo, localizada no centro da cidade, por volta das 18h30, a procissão é um momento exemplar do processo ritual da festa. Cantorias, gestos e sacrifícios fazem parte de seu contexto. O caminhar vagaroso corta o bairro José Bonifácio até a chegada ao Santuário de Fátima. No Santuário, a penúltima missa (também às 18h30) encaminha seu final. A partir daí as portas do Santuário serão fechadas. A próxima missa, quando da chegada da imagem, é campal e noturna.

Ainda na Igreja do Carmo, o novo grupo de fiéis já é bastante expressivo. Saindo de dentro da igreja, louvada pelas preces de seus devotos, a Imagem é rodeada de militares do exército, com o intuito de evitar que a emoção exacerbada de alguns possa por desventura derrubá-la. A Imagem começa assim a percorrer as ruas marcadas para a passagem da procissão.

Figura 5
DESENHO ESQUEMATIZANDO A PROCISSÃO DE FÁTIMA



Fonte: Secretaria Paroquial de Fátima, 2010.

O auxílio das autarquias de trânsito é de suma importância. O horário, principalmente se a procissão acontece em dias da semana, é de pico no trânsito. As ruas e avenidas, um pouco antes do início da caminhada, são fechadas na espera de uma procissão mais tranquila, sem a preocupação de possíveis acidentes.

Muitas são as pessoas que, não acompanhando a procissão, fazem suas rezas ainda dentro de casa, atentas ao grande número de fiéis que por ali passa. Na Avenida Barão de Aratanha (eixo principal da ligação centro-bairro), aqueles que não acompanham a procissão preparam-se para sua passagem decorando suas casas com imagens de Fátima. Neste sentido, dá-se simultaneamente a repetição das festas interioranas e a adequação à dinâmica da grande cidade.

Várias são as imagens encontradas no decorrer do percurso. Seja em cima das árvores, na porta de casa, logo na sala de visitas, nas garagens, em cima de muros baixos, etc. Algumas nem mesmo saem dali, ficando expostas, permanentemente, em pequenos altares. São dos mais diversos

tamanhos; algumas mais rebuscadas, outras mais simples, como que a confirmar: *o caminho também é um templo*. Aqueles que passam por perto das imagens, tocando-as com cuidado e carinho, aproveitam sua exposição e adiantam ali mesmo uma oração. É o momento de a rua adentrar a casa, a casa abrir as portas para a rua e do fiel transpassar tais espaços na oração para o outro mundo. Momento exemplar da faculdade relacional da festa.

No meio de toques e rezas, tiramos algumas fotos e nos deparamos com o seguinte diálogo de duas senhoras: uma seguia a procissão e, ao passar por uma imagem de Fátima, pergunta para a outra que estava na porta de sua casa a expondo: *“Onde você comprou a estátua?”* A resposta aponta a inserção do rito na sociedade globalizada: *“Em uma loja japonesa na Avenida Bezerra de Menezes”*. Satisfeita com a resposta a fiel prossegue a caminhada, mas não antes sem dizer: *“Ela é linda”*.

No final da Avenida Barão de Aratanha, já no duplo corredor que caracteriza a Avenida 13 de maio, a procissão chega a sua reta final. *“Para louvar e agradecer, bendizer e adorar, estamos aqui, senhor, ao teu dispor”*, diziam os fiéis em uma só voz. Os penitentes tomam seu último fôlego para a alegria da chegada. Todavia, a caminhada e até mesmo o asfalto não parecem incomodar tanto a concentração do fiel em oração. Provação de fé, diriam alguns (figura 6).

No palco, as autoridades eclesiais, assim como outros componentes da paróquia, ficam à espera da Imagem. Logo após a chegada triunfal, conduzem-na ao palco. Fogos de artifício explodem nos arredores ao alto, anúncio do momento mais esperado. A última missa se realiza diante de uma multidão de fiéis. Antes do início da liturgia, artistas populares do estado, a exemplo do músico Waldonys – que participou do evento em pelo menos dois momentos em que lá estávamos – maio de 2010 e de 2011 – entoam canções de louvor à Maria ao estilo do forró.

A celebração, logo após, é iniciada e, no momento da bênção dos objetos “sagrados” em mãos dos fiéis, estávamos junto ao palco e vimos com interessante clareza o levantar de imagens de Fátima, de fotos de parentes e conhecidos, mas, sobretudo, de carteiras de trabalho, bolsas e carteiras de dinheiro. Bênção sagrada, porém ligada às necessidades do mundo.

Figura 6
FIEL EM PENITÊNCIA



Fonte: Tiago V. Cavalcante, maio/2007.

Após a última missa, rapidamente se inicia a dispersão dos diferentes personagens que presenciaram o final da festa. Comerciantes, fiéis, pedintes, flanelinhas, especialistas do sagrado, membros de pastorais. Todos eles se despedem momentaneamente do lugar, deixando claro a dinâmica demiúrgica inerente à festividade. Os comerciantes provenientes de Canindé, por exemplo, ainda naquela noite desmontam suas barracas e seguem para casa.

A efemeridade significativa do habitar, pronunciada com força na festa, é reapropriada pelo cotidiano daqueles, cujo movimento *prosegue* com sentido renovado. A festa congrega e dá provas de que é na relação que o habitar humano melhor se realiza em sua pluralidade. Dinâmicas geográficas se confundem e se mesclam e na mistura esclarecem o quanto nunca estão realmente separadas, apartadas. São sincréticas e sutis, porque humanas.

O sentido claro, vinculado à festa, agora se envolve no cotidiano. Se oculta porque o espetáculo temporariamente terminou. As dinâmicas verticais e horizontais dão continuidade ao cotidiano do santuário. Elas são movidas em direção ao próximo instante especial, à próxima festa.

7. Considerações finais – tudo acaba em festa?

Diante da complexidade da vida, o entendimento do espaço geográfico como campo de relações múltiplas é de suma relevância. Assertiva esclarecedora da dimensão geográfica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Fortaleza-CE; de sua complexidade baseada na pluralidade de representações para o qual é fomentado e do qual é possuidor.

As dinâmicas geográficas verticais (casa-outro mundo) e horizontais (casa-mundo), cada uma do seu modo, fazem-nos aproximar dos significados especiais conectados em santuários como o de Fátima; pois sua aura de esperança e fé ajustam respostas aparentemente “simples” para vivências aparentemente “complexas”. Elas nos esclareceram também sobre o quanto tais significações têm rebatimentos espaciais a partir da vivência daqueles que dali fazem parte. Significações não somente elaboradas pela consideração religiosa dos que acreditam nas promessas do outro mundo, mas também por políticas eclesiais e “laicas” trabalhando de modo sincrético no reforço do significado que o Santuário possui. Nesse contexto, com rebatimentos espaciais diferenciados, as *dinâmicas verticais* apresentam assim as topofilias inerentes aos diversos cantos componentes do Santuário, cantos que facilmente levam os fiéis a irem bem além da geometria pertinente a esses cantos.

De modo diferenciado, mas complementar, as *dinâmicas horizontais* descortinam determinadas relações pensadas no âmbito do mundo as quais possibilitam um reforço simbólico do lugar. Política, construções identitárias, discursos e legitimações permeiam esse reforço também subjacente àquilo que é o Santuário.

Porém, é na festa onde tais elementos melhor dialogam a ponto de serem imperceptíveis em sua diferença. Daí a necessidade de também festejarmos e com nosso olhar geográfico nos atermos às relações entre os elementos apresentados nas dinâmicas verticais e horizontais. Na festa,

nossa *dinâmica relacional*, a geograficidade pulula, demonstrando as diferentes maneiras com as quais os diversos componentes do Santuário de Fátima apropriam-se cotidianamente do lugar. Na promessa, no toque, no arrastar de joelhos, no descanso, na venda, na caminhada, na construção cotidiana da estrutura institucional e simbólica do Santuário de Fátima, o habitar recheado de aspectos mundanos, habitar sacro-profano, está deveras presente. A festa, enquanto conjunção de contrários, não separa e apresenta o mundo da maneira como ele é: mundo vivido.

Podemos, assim, perceber que geograficidades específicas, em continuidade à leitura fenomenológica de Dardel (1990), são componentes do cotidiano do ser humano, em suas vivências variadas e aprofundadas. Na escala da cidade, por exemplo, é interessante que tais geograficidades sejam pensadas a contento, enquanto propriedades daquilo que é a própria cidade. Tentativa diferenciada de se compreender os lugares habitados pelo ser humano, assim como de respeitar suas diferentes apropriações: efêmeras ou não.

Sendo tais lugares, assim como o Santuário de Fátima, significativos, ou seja, possuidores de uma áurea simbólica representativa de uma maneira de ser-no-mundo, torna-se necessário que os planejamentos daqueles os quais pensam a cidade aceitem a imaginação cotidiana do povo para que assim, na medida do possível, possam ser elaboradas previsões à moda, por exemplo, do pensamento de Bachelard (2008, p. 18), que interroga: *Como prever sem imaginar?* E podemos aqui tentar somar com outra interrogação mais adequada à política da cidade: *Como planejar sem imaginar?* Imaginar é estar ciente da imaginação enquanto propriedade relevante para a construção e apropriação dos espaços. É na transposição do *especificamente* religioso do Santuário de Fátima, que se estabelece um saber apropriar-se dos mundos e/ou dos outros mundos ampliados pela geografia relacional dessa mesma religiosidade.

A Fortaleza turística, reverberante na publicidade internacional e cosmopolita em seu arranjo urbanístico e humano, tem de melhor explorar (no aspecto positivo que esta palavra talvez permita) esse nicho efervescente da imaginação religiosa, fazendo aflorar geograficidades cotidianas, em muito ligadas às vivências subjetivas, capazes de tornar a cidade um lugar melhor para se viver, conviver e visitar.

Foi a partir do Santuário de Fátima que tentamos elaborar esse recado. Recado geográfico, sobretudo, porque, como foi visto por nós, o espaço, e mais especificamente o lugar, é essencial para que a vida faça, pelo menos, um pouco mais de sentido.

E é só na relação intersubjetiva entre sujeitos, objetos, políticas, esperanças etc. que podemos perceber a importância de se pensar uma geografia relacional. A festa, em sua força, é um dos nossos melhores exemplos.

Notas

¹ O presente trabalho é parte de um conjunto de reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado *A casa da mãe de Deus comporta o (outro)mundo: dinâmicas geográficas no Santuário de Fátima em Fortaleza-CE*.

² Fazer uso dessas categorias no presente trabalho é ter em mente a dificuldade de compreendermos, diante da complexidade sócio-espacial hodierna, a dinâmica do/no Santuário de Fátima a partir da simples dualidade entre o sagrado e o profano. Na geografia, entendidos na condição de espaço sagrado e espaço profano. Dualidade que incomoda alguns pesquisadores, a exemplo de Oliveira (2001, 2006), com o qual corroboramos.

³ É a partir da pesquisa em campo que realizamos no Santuário de Fátima que elaboramos a compreensão dele como casa. Além do fato da Igreja denominar tais espaços sagrados como casa de Deus, pode-se entender que para as pessoas, na condição de fiéis, o Santuário acaba também sendo um lugar de abrigo, onde eles podem se encontrar com uma família ou grupo com o qual dividem os mesmos valores e o mesmo lugar. Por ser um Santuário mariano, daí também a expressão “casa da mãe de Deus” a qual usamos no decorrer do trabalho.

⁴ No dia 03 de setembro de 1956, na gestão do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, o vereador Antônio Fernando Bezerra aprova o Projeto de Lei 1072, criando oficialmente o Bairro de Fátima.

⁵ Em algumas referências, como a reportagem de Peixoto e Castro Neto (2008), o valor da construção da estátua é de R\$ 114,6 mil.

⁶ O ser geográfico da festa, sua natureza espaço-temporal específica, de evento sociocultural espacializado, declina-se sempre em filigranas dos seus atributos maiores, constitutivos de sua função social. Entre estes atributos, notemos seu papel simbólico e político, seu alcance ideológico e seu valor de mudança socioeconômica. Não esqueçamos, ainda, sua instrumentalização em matéria de regulação social e territorial (tradução dos autores).

⁷ Tivemos acesso a uma pesquisa realizada por componentes do Santuário no dia 13 de outubro de 2009 e, no reduzido universo da pesquisa, foram inquiridos fiéis/visitantes provenientes de outras cidades do Ceará, como: Redenção, Iguatu, Quixadá, Canindé, Crato, Acopiara, Acarape, Sobral, Russas, Barbalha, Baturité, Nova Russas, Crateús, Cabrobó, Pindoretama, Granja, Itapipoca, Cedro e Guaraciaba do Norte, assim como de outras cidades no país, a exemplo de: São Luiz-MA, Rio de Janeiro-RJ, Recife-PE, Belém-PA e Manaus-AM.

⁸ As Secretarias Executivas Regionais (SERs) são órgãos ligados à Prefeitura Municipal de Fortaleza, responsáveis pela administração pública de determinadas áreas da cidade. O Bairro de Fátima é um dos bairros componentes da SER IV.

⁹ Número de barracas registradas. Porém, o que podemos perceber é que esse número aumenta ou diminui de acordo com o mês em que ocorre a festa. Como já salientamos, os meses de

maio e outubro recebem maior número de fiéis por serem os meses em que aconteceram, em 1917, respectivamente, a primeira e última aparição de Maria na Cova da Iria, em Portugal.

¹⁰ Até 13 de maio de 2011, data de nossa última visita ao Santuário, o valor da UFMF era de R\$ 56,07.

¹¹ Organizando as reportagens de jornais locais, as quais indicam o número de fiéis participantes da festa de Fátima, podemos indicar que durante as festividades entre 30 e 120 mil fiéis comparecem nos dias 13, dependendo do mês. O relato de Padre Ivan em entrevista publicada no site da Arquidiocese de Fortaleza também nos dá base para esses números. Ele diz o seguinte: "Todas as celebrações são lotadas. Nos dias 13 comuns são de 30 mil a 40 mil pessoas. E no dia 13 de maio são 100 mil, 120 mil pessoas. Em 2010 foram 120 mil. Esse ano a gente pensa que vai ultrapassar os 120 mil. E no mês de outubro são cerca de 60 mil a 80 mil pessoas" (SILVA, 2011).

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard**: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre**: nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990.

DI MÉO, Guy. Le sens géographique des fêtes. **Annales de Géographie**, n. 622, t. 110, p. 624-646, 2001.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço Sagrado**: Estudos Em Geografia da Religião. Curitiba: Ibpex, 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOSP**: espaço e tempo. São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

OLIVEIRA, Christian D. M. de. **Basílica de Aparecida**: um templo para a cidade-mãe. São Paulo: Olho D'água, 2001.

_____. A geografia das festas do interior: mediações culturais entre religiosidade, turismo e educação. In: SILVA, José Borzacchiello da et al (Org.). **Litoral e sertão**: natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, p. 127-137, 2006.

_____. Festas populares religiosas e suas dinâmicas espaciais. **MERCATOR**, Fortaleza, Ano 06, n. 11, p. 23-32, 2007.

OLIVEIRA, Fernanda de. Fátima de orações e louvores. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16 jun. 2010.

PEIXOTO, Marcus; CASTRO NETO, Guto. 45 mil em louvor a Nossa Senhora de Fátima. **Diário do Nordeste**, 14 mai. 2008.

PEREIRA, Ilaina Damasceno; OLIVEIRA, Christian D. M. de. Lugar ou Lugares? A produção discursiva de um bairro metropolitano: Benfica (Fortaleza – CE). **Geonordeste** (UFS), v. 20, p. 37-58, 2009.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis**: O Sagrado e o Urbano. EdUERJ. Rio de Janeiro, 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Alessandra. [Entrevista publicada em 27 de maio de 2011, na Internet]. Disponível em: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/atualidades/noticias/entrevista-com-o-paroco-da-paroquia-nossa-senhora-de-fatima-padre-francisco-ivan-iii/>. Acesso em: 27 mai. 2011.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 3. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.

Recebido em: 19/05/2012

Aceito em: 05/08/2012